

## POR QUE GRAMSCI? Entrevista com Guido Liguori<sup>1</sup>

Ana Lole<sup>2</sup>

Entrevista realizada com Guido Liguori, professor de História do Pensamento Político na Universidade da Calábria, Itália, e presidente da *International Gramsci Society* Itália (IGS-Itália). Estudioso de história do marxismo, do pensamento socialista, do pensamento político italiano do século XX, da obra de Gramsci e sua disseminação no mundo, Liguori organizou, juntamente com Pasquale Voza, o *Dicionário gramsciano*, lançado neste ano no Brasil pela Boitempo<sup>3</sup>. Esta entrevista busca enfatizar Gramsci como educador voltado a criar condições para a construção de uma vontade coletiva de base popular neste “mundo grande e terrível”.

**Ana Lole (AL):** Sabemos que o Senhor desenvolve um amplo e consolidado estudo do pensamento de Gramsci, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação internacional de suas ideias. Como nasceu e se consolidou sua paixão por Gramsci? O que o motivou a enveredar nessa direção?

**Guido Liguori (GL):** O meu interesse por Gramsci nasceu durante os anos de Liceu e inicialmente foi um interesse militante. O Gramsci que na época me parecia mais fascinante foi o teórico dos “Conselhos de Fábrica”. Somente mais tarde, na universidade, comecei a estudar o Gramsci *maior*, o autor dos

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada por escrito, via e-mail. Tradução de Ana Lole. Revisão técnica de Giovanni Semeraro.

<sup>2</sup> Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-doutoranda em Serviço Social pela PUC-Rio. Professora do Departamento de Serviço Social de Niterói da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação (NuFiPE/UFF). Membro da *International Gramsci Society* Brasil (IGS-Brasil). [analole@gmail.com](mailto:analole@gmail.com).

<sup>3</sup> LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs.). *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

*Cadernos do cárcere*, em primeiro lugar, pelos seminários de Claudia Mancina, que tinha acabado de traduzir o livro *Gramsci e o Estado* de Christinne Buci-Glucksmann. Sob a orientação de Claudia Mancina escrevi a monografia de graduação, um primeiro embrião daquilo que 15 anos depois se tornaria meu primeiro livro, *Gramsci conteso*<sup>4</sup>, ou seja, uma história das interpretações de Gramsci.

**AL:** O pensamento de Gramsci mostra-se cada vez mais vivo e capaz de trazer luzes para uma práxis popular realmente emancipadora. Neste sentido, discorra como está a recepção política de Gramsci hoje fora do Brasil?

**GL:** As formas pelas quais o pensamento de Gramsci se difundiu varia muito de país para país, de uma área cultural para outra. Nos países anglófonos, por exemplo, Gramsci é, sobretudo, o autor de referência dos *cultural studies*, nos quais, muitas vezes, a dimensão política deste pensamento é deixada em segundo plano, especialmente nos Estados Unidos (EUA), onde me parece recentemente em declínio a influência dos *subaltern studies*, originalmente nascidos na Índia. Na Europa parece-me que a (tímida) retomada dos estudos gramscianos segue o que acontece na Itália: um estudo filológico e hermenêutico dos *Cadernos do cárcere*, que parte da convicção que os escritos gramscianos do cárcere são muito mais difíceis de interpretar do que parece à primeira vista, devido à sua ligação com a história política. Na América Latina, por exemplo, me parece que se procura em Gramsci especialmente respostas *políticas*, ou seja, relacionadas à atualidade política.

**AL:** A partir de seus estudos, pesquisas e contatos, como vê hoje a influência de Gramsci na elaboração das ideias educacionais na Itália? Qual ponto destacaria?

**GL:** Parece-me que depois dos anos 1980 tem ocorrido uma diminuição do interesse pelas ideias pedagógicas de Gramsci. No entanto, ultimamente,

---

<sup>4</sup> LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso. Storia di un dibattito 1922-1996*. 1 ed. Roma: Editori Riuniti, 1996.

notam-se sinais interessantes de retomada em torno do conceito de “escola unitária” e da discussão mais geral da formação da personalidade. A escola, também, é entendida pelos estudiosos de Gramsci como um “aparelho hegemônico” e, portanto, considerada em relação à luta pela hegemonia e ao papel dos intelectuais.

**AL:** Pesquisas apontam que Gramsci é eminentemente um educador político voltado à construção de uma vontade coletiva popular emancipada e autônoma. A partir de sua leitura, como entender e atualizar a proposta de Gramsci de escola e de educação (pedagogia política) num mundo globalizado e excludente?

**GL:** Já na época de Gramsci havia uma forte estridência entre a internacionalização da economia e as respostas especificamente nacionais (e muitas vezes nacionalistas) da política. Ainda mais hoje vemos que a construção de uma vontade coletiva popular deveria ser capaz de envolver diferentes culturas, ou seja, diferentes povos, atravessar fronteiras, tornar-se mais internacionalista, envolver os migrantes (problema sobretudo europeu, mas não só). Precisamente porque esta é a nova dimensão da globalização econômica. Diante disso, devemos responder com aquilo que Gramsci nos *Cadernos* chama de “um novo cosmopolitismo”, fundado sobre o trabalho e a solidariedade dos povos, bem diferente do cosmopolitismo burguês dos intelectuais.

**AL:** A partir de sua experiência como presidente da IGS-Itália, que perspectivas do pensamento de Gramsci destacar hoje para a educação num mundo globalizado “tomado de assalto” pela lógica “neoliberal”?

**GL:** Em relação às correntes pedagógicas que hoje predominam (as neoliberais) e que apontam para uma escola que prepara, sobretudo, para o mundo do trabalho, penso que seja importante o conceito de escola de Gramsci que visa a preparar não só tecnicamente para o trabalho, mas também para o autogoverno, a democracia e a cidadania. Trata-se, portanto, de desenvolver a consciência crítica de cada sujeito, individual e coletivo: é exatamente isto que hoje se quer impedir de fazer na escola, excluindo dela o pensamento crítico.

**AL:** Se os *Cadernos do cárcere* apontam projetos de elevação intelectual e moral do indivíduo e das massas populares, quais devem ser as diretrizes principais de pesquisa e seus núcleos conceituais? Seria possível apontar determinadas prerrogativas e a personalidade múltipla reunidas na metáfora do “Leonardo moderno” (como consta na carta a Julia Schucht, de 1º de agosto de 1932)?

**GL:** Sem dúvida não é fácil. Penso que seja necessário lutar contra uma organização da escola que quer encaminhar desde muito cedo as crianças para este ou aquele trabalho: porque ela não pode deixar de ser baseada em primeiro lugar sobre a divisão de classes, sobre as diferenças entre as famílias, etc., muitas vezes mascaradas pela (falsa) meritocracia. Ao contrário, eu acredito que a escola na concepção de Gramsci quer, em primeiro lugar, fornecer a todas e a todos os instrumentos para compreender o mundo no qual nos encontramos. A partir daqui, é necessário desenvolver tanto a consciência crítica que mencionei acima, quanto as diferentes capacidades técnico-culturais, de modo a não aprisionar o indivíduo em uma especialização muito rígida, que atualmente parece até mais inadequada em relação ao mercado de trabalho e suas rápidas mudanças.

Recebido em: 12.04.2017

Aceito em: 12.04.2017